

“Romance na web”: Formas de experimentar o amor romântico num namoro virtual

Vergas Vitória Andrade da Silva

Norma Missae Takeuti

RESUMO: Este artigo busca compreender a natureza dos vínculos amorosos construídos na Internet. O estudo pretende responder a seguinte questão: como são constituídas as experiências românticas nos namoros mediados por computadores? A pesquisa empírica parte do pressuposto que os depoimentos postados nos fóruns e enquetes da comunidade virtual do Orkut *Conheci meu amor pela internet*, referentes a enredos sentimentais e amorosos, correspondem, na verdade, a formas de *narração de si*. Isto é, nesses espaços *virtuais e desterritorializados* é constante a presença de *revelações pessoais* através do compartilhamento de sentimentos como angústias, raivas, dores, alegrias, etc. Destarte, através da análise dessas *narrativas* pretende-se compreender quais tipos de práticas amorosas a Internet permite construir e quais as imbricações existentes na relação tecnologia virtuais e amor romântico. **Palavras-chave:** Orkut; Internet; amor romântico; namoro virtual.

Introdução

Provavelmente, em nenhum outro contexto histórico, tenham existido tantas transformações num curto espaço de tempo como na atualidade. Nesses termos, muitos estudos, a exemplo daqueles desenvolvidos por Pierre Lévy (1993, 1996, 1999) e Manuel Castells (1999, 2004), reforçam que essas mudanças foram propiciadas, em grande parte, pelo ingresso cada vez mais decisivo das *tecnologias da informação* que, guardadas as devidas proporções, “condicionam” e “alteram” a vida cotidiana das pessoas.

Decerto julga-se verdadeira a tese que versa sobre a propensão das tecnologias em modelar comportamentos sociais, no entanto, ela poderia suscitar objeções daqueles preocupados em denegar a passividade dos homens no processo de elaboração das técnicas. Indubitavelmente, alguns sustentariam: é discutível partir do pressuposto de que as tecnologias condicionam os indivíduos, modificam suas vidas, pois, se são esses mesmos indivíduos que participam ativamente dos processos de construção, consolidação e significação dos produtos por eles criados?

Por essas razões, a fim de evitar desacertos nos preâmbulos, admite-se, doravante, que do ponto de vista deste trabalho compreende-se as tecnologias da informação dentro de uma perspectiva teórica que as inscreve numa produção social-histórica, na qual são os indivíduos que as (re)elaboram, as (re)significam e as (re)interpretam segundo interesses sociais e culturais. É uma evidência atestar que são eles os responsáveis pela feitura do mundo social.

Todavia, mesmo considerando essa perspectiva, consente-se, por outro lado, que seria um equívoco dar por certa uma proposição que delega às tecnologias isenção de encargo no que tange às mudanças por que experimentam os indivíduos hoje. Decerto seria incorreto admitir que o avanço das tecnologias não condicione práticas e condutas. Portanto, à vista disso, compreende-se que os homens, na medida em que produzem as técnicas, ao mesmo tempo, são produzidos ou alterados por elas. Por isso, é-se partidário da tese segundo a qual as tecnologias da informação pesam na formação de novas atitudes, novas experiências e novas subjetividades.

Partindo desse panorama, é essencial destacar, no que se refere aos propósitos deste trabalho,

que dentre tantas mudanças sociais em curso uma delas nos parece muito importante, a saber: aquela que, em decorrência do avanço das *tecnologias da informação*, incide nas experiências amorosa dos indivíduos – acarretando modificações nos relacionamentos, no casamento, na conjugalidade, na sexualidade, ou seja, na *intimidade*.

Nessa conjuntura, o novo sistema de comunicação – o *informacionalismo* – vem propiciando o surgimento de “redes interativas de computadores” e “criando novas formas de canais de comunicação, moldando a vida e, ao mesmo tempo, sendo moldadas por ela”. Isto é, o “novo” sistema de comunicação “que fala cada vez mais uma linguagem universal digital” (Castells, 1999, p. 44) vem propiciando o surgimento de novas formas de vínculos sociais. Quer dizer, há hoje formas de intercâmbio social mediadas pela tecnologia, na verdade, são relações que podem ser constituídas e, posteriormente, mantidas por intermédio da internet ou por celulares, etc.

Em vista disso, o que interessa reter, de todas essas considerações, é que as intensas mutações verificadas no seio das sociedades contemporâneas entremetidas em processos inéditos, a datar das recentes e rápidas revoluções tecnológicas de

informação, revertem-se em novas maneiras de se relacionar *amorosamente com o outro*. Por exemplo, as mudanças propiciaram novas regras e novos espaços para o contato com o outro. A internet, “meio de comunicação interativo universal via computador da era da informação” (Castells, 1999, p. 433), tornou-se uma esfera em que novas formas de se relacionar estão sendo estabelecidas como exemplo: o namoro virtual.

Diante de tudo, supõe-se que as consequências de tais processos parecem incidir sobre condutas e práticas amorosas. Os novos contextos abriram caminhos que redefinem e redesenham a própria forma de relacionar-se, e, em consequência, podem surgir formas “novas” experiências e expressões românticas. Partindo desse ponto de vista, questiona-se: qual é a natureza das alterações verificadas nas relações amorosas atuais? Quais as expressões do amor romântico num namoro virtual? Como o amor romântico é possível numa relação online?

Frente a estas questões, este trabalho busca compreender a natureza dos vínculos amorosos construídos na Internet. O estudo pretende responder a seguinte questão: como são constituídas as experiências românticas nos namoros

mediados por computadores? A pesquisa empírica parte do pressuposto que os depoimentos postados nos fóruns e enquetes da comunidade virtual do Orkut *Conheci meu amor pela internet*, referentes a enredos sentimentais e amorosos, correspondem, na verdade, a formas de *narração de si*. Quer dizer, nesses espaços – *virtuais e desterritorializados* – é constante a presença de *revelações pessoais* através do compartilhamento de sentimentos como: angústias, raivas, dores, alegrias, etc. Destarte, através da análise dessas *narrativas* pretende-se compreender que tipos de práticas amorosas a Internet permite construir e quais as imbricações existentes na relação tecnologia virtual e amor romântico.

A pesquisa empírica, reiterando, parte da pressuposição que os fóruns e enquetes são meios de criar *ficções* sobre experiências do amor romântico que, na verdade, podem revelar a própria experiência. Assim, os *eventos ficcionais* representados ali podem ser interpretados como partes diminutas de um todo, mas mesmo assim, podem constituir em imagens e reflexos da experiência de fato. Destarte, a escrita aqui assume papel preponderante, pois a toma-se como uma técnica capaz de criar *ficções sobre si*. É

ainda importante defender que a *imaginação* ou o caráter inventivo deve está implícito em qualquer *representação adequada da verdade sobre si*. Como sugere o historiador Hayden White (1994), é impossível escrever uma narrativa sobre si sem recorrer absolutamente a qualquer técnica ficcional. Escusado dizer que a ficção não é antítese do *fato verdadeiro*.

Por outro lado, está-se convicto da importância de se deter, não só nas narrativas que revelam experiências, mas também, nas expressões *das experiências* propriamente vividas por aqueles que têm um namoro virtual. É importante apreender os sentidos e percepções fornecidos pelos próprios narradores. Corroborando com esse intento, têm-se as contribuições do sociólogo Anthony Giddens. De acordo com o autor, “diferentemente dos objetos da natureza, os humanos são seres autoconsciente, que conferem sentido e propósito ao que fazem. Não podemos sequer descrever a vida social com precisão a menos que primeiro compreendamos os conceitos que as pessoas aplicam ao seu comportamento”. (Giddens, 2005, p. 510). Por isso, neste trabalho, foi fundamental eleger as significações e experiências (como objeto a

conhecer) que detêm os internautas a respeito do amor romântico no namoro virtual.

Nesses termos, esta pesquisa, por meio de uma descrição da comunidade *Conheci meu amor pela internet*, ocupa-se das análises das *narrativas de si*. E por meio de entrevistas pretende dar conta daquilo que as narrativas nos fóruns e enquetes não podem revelar, para isso, foi criada para a pesquisa uma comunidade virtual que se chama *Compreendendo @mores virtuais*. Ela é formada por membros oriundos da comunidade da qual se estuda aqui. Este foi um recurso da pesquisa com o fim de facilitar a interação “pesquisador” e “pesquisado”.

Em resumo, reitera-se, a partir das formulações desenvolvidas por White (1994), a respeito das *ficções da representação factual*, que membros da comunidade *Conheci meu amor pela internet*, ao postarem *escritas* nos fóruns e enquetes que revelam enredos sentimentais e amorosos, expõem também, através de *ficções das representações do si*, formas de *experenciar* o amor romântico. Ou seja, a *imagem ficcional* que descrevem a realidade amorosa pretende corresponder, em seu esquema geral, a algum domínio da experiência romântica da forma como vivem de fato. A partir

dessa conjectura, é-se inclinado a defender a importância das *ficções* presentes em seus depoimentos, pois elas pretendem apresentar certa visão ou *iluminação* da experiência do amor romântico, alvo de interesse deste estudo.

Por fim, os depoimentos postados nos fóruns e enquetes apontam para aquilo que se chama aqui modos peculiares nas formas de *experienciar* o amor romântico num namoro virtual. Na verdade, os membros da comunidade valem-se da escrita para *inventar* formas de experiências românticas. Na medida em que os relatos são produzidos há *revelações de si* – para o outro e para si próprio. Mas, o que é importante reter é que essas falas de relatos pessoais estão a revelar, na verdade, questões sociais mais amplas. Colocam em jogo diversas modalidades perceptivas, desvelam modos de vida, subjetividades e alguns aspectos da vida amorosa contemporânea.

Algumas dimensões do amor romântico

Conforme revelou o estudo sobre o ideal de amor romântico, desenvolvido pelo psicanalista Jurandir Freire Costa (1998, p. 13), há três proposições que caracterizariam o amor tal qual conhecemos hoje: a) O amor é um sentimento

universal e natural, presente em todas as épocas e culturas; b) O amor é um sentimento surdo à “voz da razão” e incontrolável pela força da vontade; c) O amor é a condição *sine qua non* da máxima felicidade a que podemos aspirar. Essas três afirmações sustentariam o credo amoroso dominante, e são, conforme Costa, “uma espécie de catálogo de competência mínima exigida aos candidatos ao vestibular do amor”. Por fim, caracteriza-se, grosso modo, pela idealização temporária do ‘objeto amado’, pela liberdade de escolha do(a) parceiro(a) e pela auto-realização.

Contudo, o que esse estudo faz é *desnaturalizar* as três proposições que caracterizam a forma de amar hoje. O trabalho desvela que, em verdade, o ideal de amor romântico pode ser classificado como um complexo emocional feito de crenças, julgamentos, sensações e sentimentos. Costa (1998, p. 12) assegura que o *amor* é um construto humano, uma crença emocional,

[...] e como toda a crença, pode ser mantida, alterada, dispensada trocada, melhorada, piorada ou abolida. O amor foi inventado como o fogo, a roda, o casamento, a medicina, o fabrico do pão, a arte erótica chinesa, o computador, o

cuidado com o próximo, as heresias, a democracia, o nazismo, os deuses e as diversas imagens do universo. Nenhum dos seus constituintes afetivos, cognitivos ou conotativos é fixo por natureza. Tudo pode ser recriado, se acharmos que assim deve ser, em função do que julgamos melhor para todos e cada um de nós.

O amor romântico, ideal ocidental que marca presença na Europa do século XVIII, constituiu-se num valor central no imaginário social das sociedades modernas, tendo seus reflexos, até hoje, nas sociedades contemporâneas. E, até então, parece desfrutar de uma “reputação positiva, que, em nossas últimas décadas, cresceu muitíssimo. É valorizado nos meios de comunicação; as novelas apresentam a paixão como especialmente bela, porque representa o triunfo da emoção”. (Ribeiro, 1996, p. 38). E por essas razões, esse ideal tornou-se uma norma de conduta emocional produtora de sentidos e comportamentos. (Costa, 1998)

É, pois, nesse caso, que ele pode ser tido como o credo amoroso dominante, visto que, “ao constituir um ideal, criou um instrumento regulador das relações sociais e esse ideário manteve-se presente de diversas maneiras, permanecendo como

uma referência na contemporaneidade”. (Carvalho, 2003, p. 155). Ou melhor, nas sociedades contemporâneas, o ideal de amor romântico, a despeito de perder seu prestígio social, constitui ainda lugar de referência importante para escolhas e comportamentos amorosos.

Contudo, a despeito da análise feita por Costa ser importante para entender determinadas questões, tem-se aquela feita pelo sociólogo Sergio Costa (2005) no artigo Amores Fáceis: romantismo e consumo na modernidade tardia. Ele discute as relações entre economia e amor nas sociedades contemporâneas. Mas, com o intuito de aludir à amplitude analítica ao tema do amor, apresenta uma definição de amor romântico que parece ser mais abrangente do que aquela feita por Jurandir Freire Costa.

Apresenta cinco dimensões do amor romântico que compreende os campos das “emoções”, dos “ideais”, das “práticas culturais” e suas expressões como “modelo de relação” e “forma de interação”. Assevera-nos Sérgio Costa (2005, p. 114-115), no campo das emoções, o amor romântico “se expressa como um vínculo com o outro”. Adverte-nos que “emoção” não se refere a uma “constante pré-cultural” ou uma

“manifestação neurofisiológica”, ao contrário, trata-se de um “fenômeno situado na interface entre corpo e cultura”. Como idealização, aí o amor romântico surge como uma “síntese das idéias espirituais e sensuais de amor, fundindo, por um lado, o amor platônico, a mística cristã e o amor cortesão e, por outro, a ars erotica, o hedonismo renascentista e a galanteria”.

Como modelo da relação, “condensam-se historicamente no amor romântico a unidade entre paixão sexual e afeição amorosa, a unidade entre amor e matrimônio e, freqüentemente, o plano de constituição de prole”. Como prática cultural, o amor romântico “corresponde a um repertório de discurso, ações e rituais”, que são evocados e percebidos, conforme as diferenças culturais. E por fim, no campo das interações sociais, aqui o autor tal qual Luhman, qualifica o amor como “interpenetração interpessoal”. Trata-se de uma interação “que se destaca do mundo social anônimo, levando os amantes a se valer de modelos de significação e interpretação e de símbolos comunicativos”. (Sergio Costa, 2005, p. 114-115).

Contemporaneidade, tecnologia e sociabilidade amorosa

No prólogo ao livro *A condição humana*, Hannah Arendt discute os efeitos do avanço tecnológico sobre os indivíduos, sobre suas condições humanas. Ao sobressair com o exemplo dos satélites artificiais – “objetos terrestres, feitos pela mão do homem” – e que giram em torno da Terra “segundo as mesmas leis de gravitação que governam o movimento dos corpos celestes” (Arendt, 1993, p. 9), a autora denuncia, em verdade, o desejo do homem em fugir da Terra, considerada sua clausura.

Levando a cabo seu projeto de pensar as imbricações entre homem e progresso das técnicas, a autora lança mão de outro exemplo. Enuncia que o desenvolvimento tecnológico possibilitou ao homem produzir a vida numa proveta, maneira de tornar a vida artificial. Este, lembrava-nos Arendt, era o último laço que fazia do homem um filho da natureza. Doravante, esse laço não mais existe, foi extinto.

De sorte que, ao final de suas asserções, a autora é contundente em revela-nos o que parece está subjacente à pretensão do homem em libertar-se de sua prisão na Terra ou de prolongar

a vida através da produção de seres humanos em provetas: é, na realidade, o desejo desse homem em fugir à condição humana (essa verificação parece-nos ter muitas implicações). Diante dessa argumentação, Arendt (1993) parece imputar responsabilidades às tecnologias – produções humanas – por desmontar aquilo que era exclusivo no homem: sua condição humana.

Todavia, à parte a tal constatação, é interessante, por outro lado, ver a autora discorrer a respeito da capacidade humana em não se demorar a adaptar-se aos feitos da tecnologia. Diz que já algum tempo esse tipo de sentimento vem-se tornando comum. Mas, se essa assertiva é verdadeira, ela só é porque os homens relacionam-se com as técnicas de maneira bastante peculiar. Se se adaptam rapidamente aos arranjos das técnicas é porque se relacionam com elas de forma simbólica, cultural.

Por essas razões, a tecnologia nada é fora das relações sociais que a constitui. Ou melhor, ela é um fenômeno instituído pelo concurso das ações humanas e, por isso, não pode ser estudada desarticulada de significados culturais. Nesse mesmo sentido, isto é, corroborando essa assertiva, temos as discussões de Pierre Lévy

(1999) a respeito da cibercultura. Ao questionar se as tecnologias têm um impacto, o autor atém-se ao propósito de defender as técnicas enquanto produtos de uma sociedade, de uma cultura.

Nesses termos, ele argumenta ser inadequada a metáfora bélica do impacto. Pois assim a tecnologia seria comparada a um projétil, a um míssil, e a sociedade seria um alvo vivo. As técnicas não viriam de outro mundo, defende o autor, não viriam de um mundo frio das máquinas “estranho a toda significação e valor humano”, ao contrário, as técnicas “são imaginadas, fabricadas e reinterpretadas durante seu uso pelos homens”. (Lévy, 1999, p. 21).

O que a abordagem de Lévy (1999, p. 23) quer demonstrar é que a tecnologia não é um “ator autônomo”, apartado da sociedade e da cultura. Não se pode pensar na relação dicotômica entre a tecnologia – aquela que seria da ordem da causa – e a cultura – que sofreria os efeitos. Ao invés disso, o que se deve levar em conta nessa relação é o “grande número de atores humanos que inventam, produzem, utilizam e interpretam de diferentes formas as técnicas”.

Ainda assim, é útil destacar como o autor conduz a discussão a respeito da contenda: as

técnicas determinam a sociedade e a cultura? Lévy desconfia de leituras que respondem a essa questão afirmativamente. Conforme entende, a tecnologia longe de ser determinante, está mais apta a condicionar. O que quer dizer é que a tecnologia é produzida dentro de uma sociedade ou cultura e por essa razão só pode criar condições para os indivíduos. A tecnologia, nesses termos, não pode ser analisada a partir da classificação valorativa boa ou má ou se seus impactos são positivos ou negativos. É importante pensar na irreversibilidade “às quais um de seus usos nos levaria”. (Lévy, 1999, p. 26).

Com isso, o autor abre caminho para pensar que há uma relação particular entre tecnologia e usos sociais. Ou seja, os homens são capazes de transformar radicalmente o significado e o uso que fazem das técnicas. A internet parece-nos um bom exemplo da capacidade humana de reinventar e reinterpretar as tecnologias. A fim de desenvolver essa proposição, considerem-se as formulações de Manuel Castells. De acordo com esse autor, a internet, a princípio, foi uma tecnologia aplicada ao mundo exclusivo dos cientistas da informática, dos hackers e das comunidades contraculturais, ou melhor, ela nasceu “na encruzilhada insólita entre

ciência, a investigação militar e a cultura libertária”. (Castells, 2004, p. 44). Seus primeiros usos por norte-americanos serviram a interesses estratégicos de guerra. Era necessário algum meio de comunicação que sobrevivesse a um ataque nuclear.

No entanto, Castells (2004, p. 19) asseveramos que “as pessoas, as instituições, as empresas e a sociedade em geral transformam a tecnologia, qualquer tecnologia, apropriando-a, modificando-a – especialmente no caso da internet, por ser uma tecnologia de comunicação”. Insiste o autor, “ao utilizarmos a internet para múltiplas tarefas vamos transformando-a.”

O que se deve deter dessas discussões é que “a criação e desenvolvimento da internet” podem ser considerados “uma extraordinária aventura humana”, pois demonstra a singular “capacidade das pessoas para transcender as regras institucionais, superar as barreiras burocráticas e subverter os valores estabelecidos”. (Castells, 2004, p. 26). Ou seja, essa compreensão coloca a internet como um processo no qual são os indivíduos que reelaboram seus usos.

Portanto, levando em conta a tese sobre a capacidade humana em reinventar os usos para a

internet, é válido questionar: quem imaginaria que a internet, originalmente criada para fins de guerra, serviria para mediar a construção de laços afetivos? Quem apostaria que os homens com sua capacidade de simbolizar as coisas do mundo utilizariam a internet para construir formas de sociabilidade amorosa? Quem arriscaria em pensar que a internet poderia manter namoros?

Os homens que inventam, utilizam e interpretam de diferentes formas as técnicas foram responsáveis pela criação de um tipo de relacionamento amoroso que só existe a partir de sua mediação com a internet. Engendraram uma nova forma de relacionamento: os namoros virtuais. Neste estudo, tomamos para análise alguns depoimentos que tornam verdadeira essa assertiva, quer dizer, a preeminência de namoros que têm como mediação a rede de computadores. Observemos a resposta dada a um dos fóruns da comunidade conheci meu amor na internet, a respeito da questão que dizia conte como você conheceu o seu amor?

Eu tinha acabado de fazer o Orkut. Entrei em uma comunidade de Grafite, pq adoro grafitar... “Ele” era o dono da comunidade e depois de um tempo me mandou um scrap agradecendo por eu ter entrado na comunidade dele... e me passou o msn

dele p/ nos conhecermos, afinal, gostavamos da mesma coisa! Aih, eu o add no MSN... conversamos mtooo... e descobrimos q moramos a 22Km de distancia! Nossa amizade foi crescendo mto atraves da internet. Ele realmente se tornou o meu melhor amigo e depois de 8 meses ele se declara p/ mim. Mas eu achava quase impossível pq nunk tínhamos nos encontrado! Mas, deu tudo certo e até hoje estamos juntos. O amo + q tudo e espero passar o resto da minha vida ao lado do meu amor. E acredito ki foi o destino q fez a gnte nos conhecer, pq ele mora mto perto de mim.

No depoimento acima, nota-se como a internet passa a ser um espaço virtual no qual o namoro é inicialmente constituído e, posteriormente, mantido. É nesse sentido que a tecnologia torna possível o relacionamento. Dessa forma, o referido depoimento leva-nos a crer que a tecnologia, nesses casos, presta-se à construção de sociabilidades amorosas. Nessa nova conjuntura, ela tornou-se um ator capaz de “contribuir também para manter os laços fortes a distância”. (Castells, 2004, p. 160). Nos namoros virtuais, a técnica, ou melhor, os computadores ligados em

rede têm uma função constitutiva ou construtiva da relação amorosa e dos elementos envolvidos.

Do namoro em tempos de internet

Esse formato de vínculo amoroso contemporâneo distingue-se dos precedentes por ser aquele constituído e, posteriormente, mantido a partir da mediação da rede de computadores. Essa é uma das razões pelas quais ele pode ser considerado virtual, quer dizer, o meio pelo qual os relacionamentos se mantêm ou se constroem é marcado pela virtualidade. A título de ilustração, tem-se um depoimento de um dos membros da comunidade aqui estudada. Nele é possível reconhecer o caráter virtual do relacionamento. Como se pode ver, o casal durante um ano existiu um para o outro sem nunca ter estado presente frente a frente. Observemos: conheci meu amor pelo Skype e infelizmente ainda não o conheço pessoalmente porque ele é polonês! Nós estamos falando há mais de 1 ano, eu o amo e quero ficar com ele , mas a distância é horrível.

É nesse sentido que o namoro virtual é desterritorializado, “capaz de gerar diversas manifestações concretas em diferentes momentos e locais determinados, sem, contudo, estar ele preso

a um lugar ou tempo em particular”. (Lévy, 1999, p. 47). Isto é, mesmo sem ser possível afixá-los em nenhuma coordenada espaço-temporal, os namoros virtuais são reais. Eles existem sem a necessidade da presença física imediata, há uma espécie de desprendimento do aqui e agora. Os casais que têm um namoro mediado pela internet existem um para o outro mesmo estando em espaços e tempos diferentes. Como foi possível depreender do depoimento acima.

Reitera-se, apesar de virtuais e desterritorializados esses namoros não são imaginários, ao contrário, eles são capazes de produzir efeitos concretos, sólidos, palpáveis na vida real-presencial dos envolvidos. Por exemplo, o namoro por meio de redes de computadores não anula os encontros físicos, presenciais. Por outras palavras, ver-se o depoimento da internauta que deixa evidente as possibilidades de encontros físicos em seu namoro via internet: meu amor é português, mora em Portugal, nos conhecemos pela internet a 8 meses e agora ele está chegando ao Brasil e eu vou voltar pra Portugal e viver com ele!

Decerto é possível vivenciar nesses namoros alegrias plenas, angústias, medos, sofrimentos,

etc., como sugere este depoimento: eu estou apaixonado por uma menina. Nós nos conhecemos pela internet e tal, mas nós nos conhecemos faz um tempinho, então um confia no outro sabe? Ela mora em São Paulo - SP, e eu em Passos - MG (distância 450km +-) Então nós estávamos namorando pela internet, e ela me falava todo dia, que estava chorando, que não aguentava ficar longe, agora que vai começar as férias, quando FINALMENTE iria conhecer ela, e namorar, ela diz que quer me esquecer. Eu fiquei tremendamente apaixonado por ela... eu penso nela 24 horas por dia (sim penso nela dormindo também)...

Nesse sentido, o depoimento acima é decisivo para demonstrar o quanto esses namoros geram reações concretas. São relacionamentos tão sólidos quanto aqueles presenciais, são capazes de gerar efeitos semelhantes àqueles namoros não mediados pela internet. Mas, entende-se, por outro lado, que esses relacionamentos permitem uma forma de experiência particular: referem-se à ausência dos corpos (na maior parte da relação), à linguagem, em geral escrita, e ao que seja realidade e virtualidade.

Ainda foi possível observar, valendo-nos das análises dos depoimentos postados nos fóruns e

enquetes da comunidade, que os envolvidos, nesses namoros, reproduzem no mundo virtual as mesmas formas de pensar, sentir, conviver, relacionar-se, etc. que vivenciam em suas realidades cotidianas, presenciais. A pretexto de exemplo, é comum encontrar nos depoimentos desejos de que suas uniões, a princípio virtuais, revertam-se em noivados, casamentos, constituição de família, dentre outras relações.

Em enquete sobre a questão: um amor nascido na internet tem alta probabilidade de chegar a um casamento? Tem-se um resultado que expressa o quanto levam para as realidades virtuais as mesmas formas de conviver típicas das realidades presenciais. Vejamos: a maioria dos membros da comunidade, representada por 53%, ao responder à questão proposta, optou pelo item sim; passo que apenas 2% optaram pela opção não. 7% escolheram a opção às vezes, 36% optaram por depende das pessoas envolvidas, e 2% pelo item outro.

Mas, poderíamos perguntar: como é constituído um namoro pela internet? Até onde as análises dos depoimentos postados nos deram a conhecer, percebeu-se, frequentemente, que a maioria dos internautas declara que não procurava

relacionamentos na internet. Eles ocorreram fortuitamente. Um deles disse-nos: foi por acaso. Entrei no bate papo e perguntei se tinha alguém próximo a minha cidade. Trocamos msn,orkut,celu... enfim tudo para nos conhecermos melhor....Depois da 1a semana começamos a namorar,e estamos até hj.

Há, contudo, aqueles casais que ainda não se conheceram presencialmente. Como sugere este depoimento: ela mora na barra e eu moro no centro...mas mesmo a distancia sendo um tanto kuinto pekena nois nunca nos encontramos espero q possa acontecer rapido pq eu penso nela mais da metade do meu dia e como se ela fosse minha namorada mesmo.

Também, existem aqueles namoros em que os casais já se encontraram presencialmente, e atualmente namoram virtual e presencialmente. Note-se: qdo começamos a namorar ele morava em Portugal e nos conhecemos pela net, ai nos conhecemos e desde então vivíamos naquela Brasil-Portugal, mas agora faz 2 meses que ele ganhou um curso na Suíça e teve que se mudar pra lá, ou seja ficou mais longe ainda de mim...Mas hoje mesmo ele ta chegando aqui no Brasil, e daqui a pouquinho vou buscá-lo no

aeroporto!! ainda bem pois nao aguentava mais de saudades!!hehehe.

Há ainda aqueles em que o namoro virtual transformou-se em noivado. Namoraram virtual e presencialmente. E, atualmente estão noivos. Como esta declaração: estou noiva! Conheci meu amor na internet tem 1 ano e 4 meses, hoje sou noiva dele e muito feliz! Não deixe de acreditar, pode dar certo!

E por fim, há namoros virtuais que se converteram em casamentos, isto é, namoraram virtual e presencialmente, noivaram e atualmente estão casados, com filhos. Como corrobora este depoimento: conheci meu amor em setembro de 2006, em novembro de 2006 nos conhecemos,casamos em fevereiro de 2007 no civil e em maio de 2007 no religioso temos um filho de 3 meses somos um casal feliz e apaixonado!!!

Porém, é possível, por outro lado, encontrar relacionamentos que não tiveram o mesmo desfecho, acabaram com grandes decepções, como comprova esta declaração: vivi por 4 anos com ele...O conheci pelo ICQ há 4 anos atrás qdo ele só tinha dívidas...Trabalhei com ele por 2 anos em promoção de festas - coisa q a gente nunca

tinha feito antes (eu advogada e ele analista de sistemas) e que acabou dando certo. Tive que colocá-lo na parede pelo MSN porque ele não tinha coragem de me dizer que estava me traindo há 1 mês com uma cliente das festa, cara a cara.

Diante desse conjunto de reflexões, depoimentos e ponderações acerca do namoro virtual, o que verdadeiramente interessa reter é as implicações desse formato de relacionamento amoroso sobre a subjetividade e sobre as formas de experimentar o “amor”. Como compreender as circunstâncias singulares de produção subjetiva nas formas de experimentar o “amor” num namoro virtual?

Subjetividades, virtualidades e novos meios de expressão de si

Num artigo sobre amor contemporâneo e relações na internet Vieira e Cohn (2008) buscaram desvendar algumas particularidades que são típicas das relações amorosas virtuais. Essas particularidades são importantes para pensar a problemática deste trabalho. Vieira e Cohn afirmam que a internet tornou-se um espaço no qual se pode conhecer várias pessoas na mesma noite,

sem, contudo, sair de casa, ao mesmo tempo em que se mantêm ou se terminam relações já estabelecidas. Entendem, portanto, que a internet não é uma substituta das relações presenciais, ao contrário, é mais uma esfera de interação com o outro.

As autoras ainda revelam existir certas facilidades na forma de relaciona-se com o outro quando há a mediação da internet. É possível que as pessoas ao estabelecer uma relação virtual possam, a princípio, dizer de si, expor-se ao outro com maior destreza. Segundo as autoras, a distância assim “como a ausência do corpo ajuda o sujeito a se expor em questões que, com o corpo presente, teria vergonha ou receio”. Ou seja, a ausência da expressão corporal pode facilitar o contato com o outro. Os internautas, nesse sentido, pelo menos é o que parece demonstrar o estudo, puderam revelar-se ao outro sem temer demonstrar “nervosismo no suor das mãos, no desviar do olhar, no tom da voz. Em outros momentos não somos interrompidos por expressões como o choro, por mais que a outra pessoa esteja chorando”. (Vieira; Cohn, 2008, p. 74-97).

Na mesma perspectiva, tem-se um estudo realizado por Nascimento (2007) que versa sobre o amor em tempos de internet. Na pesquisa, a autora procurou perceber as imbricações que podem existir entre as tecnologias virtuais e os relacionamentos amorosos. Preocupou-se ainda em destacar algumas características que compõem o mundo virtual. Referem-se, diz Nascimento (2007, p. 63), “ao anonimato, à velocidade da informação e comunicação, à desterritorialização (ausência de fronteiras geográficas) bem como à percepção da diferença entre realidade e irreabilidade”.

Do mesmo modo que Vieira e Cohn, Nascimento (2007) também entende que a mediação com a internet pode funcionar como um facilitador da narração do si para o outro. Na concepção de Nascimento, uma relação sem corpo, ou sem rosto, possibilita aos agentes uma maior expressão do si. Muitos que fazem uso da internet para relacionar-se ficam mais à vontade para narrar o que sentem e o que pensam.

Em outro estudo, realizado dessa vez por Dela Coleta e Guimarães (2000), sobre comportamentos relacionados à afetividade e relacionamento virtual, as autoras pretendiam

responder à questão: o amor pode ser virtual? Nessa pesquisa, destacam, tal qual Vieira e Cohn (2008) e Nascimento (2007), que as tecnologias virtuais permitem uma maior possibilidade de revelação do si. Ou seja, na pesquisa os entrevistados relataram que tinham mais facilidade em expressar-se quando estavam na internet do que quando interagiam presencialmente com outra pessoa.

Por meio dessas proposições, pode-se inferir que, ao menos em parte, parece existir certa relação entre facilidades de expressão do si e espaços virtuais. Então, se considerarmos essa asserção correta, poderíamos, por outro lado, supor que os indivíduos que têm um namoro mediado por um computador encontram, nesses relacionamentos, um lugar para expressar ou narrar o si? Essa forma de expressão, mediada pela internet, o que revelaria sobre as formas como experimentam o “amor”, por exemplo?

É essencial destacar que esse si de que trata este trabalho é aquele envolto pelo social, formado a partir de um lastro socialmente localizado. Ele, parece-nos, poderá revelar muito sobre os nossos dias, sobre nossa contemporaneidade, sobre nossas formas de subjetivação. Ou seja, o si, ou sua

verdade, se reveste de grande significado social. Tem-se ciência que aquilo a que estamos chamando de verdade de si é aquilo que os indivíduos afirmam, no plano discursivo, ser a verdade. Não temos a ilusão de afirmar que os indivíduos tenham a completa verdade sobre si mesmo.

A internet, nesse sentido, poderia ser um canal que muitos contemporâneos têm para dizer o si para o outro hoje, contudo, não é o único, evidentemente. E para os propósitos deste trabalho, é importante apreender para os fins de análise o revelar-se nos fóruns e enquetes da comunidade Conheci meu amor na internet. É importante apreender o revelar-se de pessoas que mantêm um namoro mediado pela internet. O que eu revelo de mim para o outro nesses espaços virtuais? O que casais que namoram virtualmente teriam a narrar nesses espaços virtuais? Contudo, entende-se aqui que não se pode confundir a revelação do si com subjetividade. Mas, é importante atermo-nos aos depoimentos que sugerem formas de revelação de um si social, que têm muito a dizer sobre as formas de subjetivação.

Seguindo esse enfoque, têm-se as contribuições de Martuccelli (2002). Em sua discussão sobre a *grammaries* do indivíduo, o autor estabelece relações entre subjetividade e experiências amorosas. Para ele, é na experiência amorosa que a subjetividade encontra com frequência sua expressão senão máxima, ou, pelo menos, suas principais manifestações. A experiência amorosa é, portanto, uma expressão chave de nossa subjetividade.

Ainda seguindo de perto as discussões de Martuccelli, a experiência amorosa será para esse autor um fenômeno social, dentre outros, que possibilita uma emergência do si, uma narrativa do si. Segundo ele, há, através das experiências amorosas, possibilidades de explosões inéditas do si. É onde o si é revelado para o outro.

Esse autor defende, portanto, que a subjetividade se acha, ao menos em parte, no amor. Ela encontra, por fim, seu lugar de expressão, não o único, mas um lugar propício. Nesse sentido, assevera-nos, “com efeito, é no amor que vivenciamos e expressamos o que somos verdadeiramente e nos revelamos nós mesmos graças ao outro”. (Martuccelli, 2002, p. 409, tradução nossa). É por isso que o amor é

considerado tão importante, ele tornou-se um lugar de revelação do si. Da forma como Martuccelli entende, esse si revelado para o outro daria forma à subjetividade.

Partindo da proposição de Martuccelli, que versa sobre as relações de proximidade entre experiência amorosa e subjetividade, e dos estudos de Nascimento, Vieira e Cohn, Guimarães e Dela Coleta que sugerem que relações mediadas pela internet possibilitam narrativas do si, poderíamos perguntar: é possível afirmar que os namoros virtuais passam, hoje, a ser espaços que favorecem certas narrativas de si?

Contudo, na perspectiva deste trabalho, como apreender as formas de subjetivação nas relações amorosas virtuais? Seguindo esse enfoque, admite-se que a análise sociológica da subjetividade, tal como é entendida por Martuccelli (2002), concentra-se menos sobre as relações entre vida interior e as transformações sociais do que sobre as manifestações sociais, sobre condutas sociais, seus paradoxos, ambivalências, contradições. Partindo daí, se se pretende nessa proposta perceber como as renovações nos vínculos amorosos – a exemplo das relações amorosas virtuais – contribuíram/contribuem para o redesenho

da subjetividade, deveremos nos debruçar, conseqüentemente, sobre a análise das condutas amorosas virtuais.

Ao final, parece-nos ainda útil, retomar às particularidades típicas dos namoros virtuais tais quais foram elencadas pelos autores no início desse tópico. Diz-nos os Nascimento, Vieira e Cohn, Guimarães e Dela Coleta, eles são marcados por certas facilidade na forma de relacionar-se, mobilizam facilidades de expressão de si (em função da ausência dos corpos), velocidade da informação e comunicação, são relacionamentos que se dão sem fronteiras geográficas ou temporais estabelecidas, a linguagem, em geral, escrita. Diante de tais particularidades, é legítimo que se lance algumas questões: e o amor? Como é vivenciado num relacionamento com tais peculiaridades?

Enquetes e fóruns do Orkut: espaços virtuais de produção subjetiva e experiências românticas

O Orkut é uma grande rede social interativa virtual. É um sistema de comunicação mediada pela internet. Apoiar-se na interconexão de membros que se afiliam com fins diversos. No entanto, um deles nos parece decisivo, pois

presta-se à formação de vínculos sociais. Tornou-se, portanto, um meio de interação social e de pertença simbólica. Nesse caso, contradizendo a tese de que a utilização da internet conduz a uma menos interação e a um maior isolamento social.

O surgimento de redes sociais virtuais baseadas na comunicação on line foi considerado por alguns estudos como o culminar de um processo histórico de dissolução dos padrões de sociabilidade. Os críticos da internet estavam convictos de que todo esse processo conduziria a uma espécie de isolamento social. Todavia, essas proposições revelaram-se infecundas. Não há indícios de que o uso da internet pode agir como substituto de outras atividades sociais. Longe disso, o aparecimento da internet possibilitou o surgimento de novos padrões de interação social, a exemplo daqueles estabelecidos no Orkut.

Essa rede de interações simbólicas é formada por um conjunto de usuários que acabam por imprimir ao Orkut um registro social. Em outras palavras, trata-se de uma grande comunidade virtual – sem lugar e sem tempo –, formada por relações recíprocas de copresença entre atores que, de forma não intencional, terminam por produzir e reproduzir, naqueles espaços, uma série

de práticas sociais. É constituída, consequentemente, por regras e valores culturais. Quer dizer, seus membros estabelecem entre si relações interpessoais e, com isso, consagram vida a esse espaço virtual, ao passo que fundam pactos sociais de convivência.

Todos os membros cadastrados no Orkut possuem um perfil. Nele, há uma série de informações cuja finalidade é definir a si próprio. Através da pergunta quem sou eu, descrevem-se, como, por exemplo, a internauta que se diz: alguém q cada hora quer uma coisa diferente, e que não aguenta ficar na mesmice! E deve ser por isso que minha vida tá piadista do jeito q está! kkkkk.... mas enfim.... Eu sou a Ju, sou estranha e meio doida, mas juro que sou legal!!!!

Anexam fotos ou imagens que os representem. Descrevem nos tópicos do perfil seus gostos, livros preferidos, músicas. Revelam atividades profissionais, grau de instrução, informações físicas, idade, data de aniversário, o time de futebol por que torce e por que usam o Orkut, como por exemplo: busca de amizade, namoro, profissão, etc.

Por outro lado, é importante destacar que nem todos os membros descrevem-se, ou melhor, respondem à questão quem sou eu. Mas, aos que se ocupam desse tópico, parecem-nos que exercitam certa invenção de si. Entende-se invenção não como mentira simplesmente, mas como um processo de criação de si através do uso da escrita, poemas, canções, imagens, ou mesmo, de comunidades virtuais das quais são filiados. O que se deveria ainda levar em conta é que esses perfis são sempre móveis. Eles são modificados com frequência segundo interesses, sentimentos, estados de humor, etc.

As comunidades virtuais fazem parte do Orkut. Propagam a copresença e a interação de todos os seus membros de quaisquer pontos do espaço físico, social ao informacional. É por isso que as relações que se estabelecem nelas tendem à virtualização e à desterritorialização. Apesar dessa condição, é importante advertir, reiteradamente, que elas não são irreais, fantasiosas ou ilusórias, trata-se de “um coletivo mais ou menos permanente que se organiza por meio do novo correio eletrônico mundial”. Elas são construídas sobre afinidades de interesses. Isto é, “os amantes da cozinha mexicana, os loucos pelo gato

angorá, os intérpretes apaixonados por Heidegger, antes dispersos pelo planeta, dispõem agora de um lugar familiar de encontro e troca”. (Lévy, 1999, p. 130).

A comunidade é um espaço de cooperação no qual os membros conjugam-se conforme analogias de gostos, sentimentos, etc. Ou seja, é formada por pessoas que se vinculam em comunidades do tipo: Não saio de casa sem maquiagem, Só pensei depois que fiz!, Já fingi que tava dormindo, Yes, eu tenho amigos loucos, Odeio falsidade!, Eu amo muito a minha mãe, Filosofia científica, O universo existe para quê?, Deus, eu te amo muito, Sou para casar, Não sou legal. Entre tantas, tem-se conheci meu amor na internet, nosso campo de pesquisa

Essa última trata-se de uma comunidade virtual inserida na categoria romance e relacionamento. Ela foi criada por Sandra Martins em 25 de dezembro de 2004. Pertencem a ela 11.119 membros cadastrados, porém, esse número nunca é fixo, pois a todo o tempo há membros que se desligam e outros que se cadastram. É descrita como uma comunidade “destinada a você que teve, tem ou pretende ter uma relação iniciada através da internet. Assim como eu não tive o

primeiro contato virtual, mas que todo o processo de conhecimento entre nós, deu-se por meio de um computador! Estou aqui em meu nome e da pessoa que amo para mostrar que ao contrário do que muitos falam, isso é possível sim e nos amamos muito!”

Como um espaço social instituído por relações humanas contraditórias e ambivalentes, a vida de uma comunidade virtual dificilmente decorre sem conflitos. Alguns deles podem expressar-se nas contentas entre os membros que discutem sobre aquele ou aquela que tenha infringido as regras morais do grupo. É nesse sentido que as comunidades são constituídas também por um conjunto de leis consuetudinárias que regulam os comportamentos.

Assim, como em todas as relações sociais, há nessas comunidades condutas consideradas adequadas ou inadequadas pelo grupo, há sanções a que todos estão sujeitos ao rebelar-se às regras feitas pelos membros que formam as comunidades. Por exemplo, as comunidades virtuais, em geral, são destinadas a algum segmento social, a exemplo desta conheci meu amor na internet – que se estuda neste trabalho. Ou melhor, é uma regra dada, só serão bem-vindos aqueles que

conheceram seus(as) parceiros(as) na internet ou que têm esse desejo – ou, outra regra importante, só poderão participar das discussões da comunidade aqueles que estiverem cadastrados como membro.

Por outro lado, para além dos conflitos sempre possíveis, há também possibilidades de afinidades, amizades, e até namoros podem desenvolver-se nos grupos de discussão, exatamente como ocorre entre pessoas que se encontram regularmente para conversar. É evidente que as manipulações e enganações sempre são possíveis nas comunidades virtuais, assim como são em qualquer outro lugar.

Nelas, há os fóruns e as enquetes que são espaços que se prestam a um fim interativo. No primeiro, encontram-se a maior parte do conteúdo. Os membros discutem o assunto proposto em cada tópico e criam outros através de questões que eles mesmos formulam, tais como: você largaria tudo para ficar com o seu amor? Quando tempo teclaram para fazer amor pela primeira vez na net? Faz quanto tempo que estão juntos? A partir daí os membros respondem aos tópicos segundo suas próprias percepções. Partindo dessa constatação, pode-se crer que tanto as questões

quanto as respostas formuladas sugerem modos de expressão de si.

A segunda, as enquetes, atentem a mesma função, contudo, é possível obter opiniões dos membros de forma quantitativa, a exemplo da questão elaborada por um deles: você imaginava que encontraria seu grande amor pela internet? A partir daí dá-se algumas opções. Observemos os resultados: sim (13%), não (44%) e nunca imaginei (43%).

Como se pode depreender, nos fóruns e enquetes, os próprios internautas fazem questões sobre sua própria condição, isto é, elaboram questionamentos a respeito da condição de se estar namorando virtualmente para outros internautas. É nesse sentido que algo se afigura interessante. Nesses fóruns e enquetes, quem faz as questões são aqueles que igualmente vivenciam as mesmas situações daqueles aos quais as questões são endereçadas. Quer dizer, as questões formuladas lhes dizem respeito. Diante disso, é-se levado a crer que tanto aqueles que formulam as questões quanto aqueles que as respondem compartilham das mesmas práticas e representações, e é por isso que estão unidos por certa familiaridade.

É possível encontrar nesses espaços questões relativas a dúvidas e angústias a respeito de seus namoros, pedidos de ajuda a membros que já são experientes no quesito namoro a distância, fazem desabafo frente a sofrimentos e alegrias, medos, incertezas, pedem ajuda para reconquistar um amor, avisam sobre casamentos e encorajam outros internautas com falas de incentivo do tipo: um amor que nasce na internet pode sim virar casamento.

Usam ainda esses espaços para falar sobre nascimento de filhos (de pais que se conheceram na internet, evidentemente), relatam suas queixas e desilusões a respeito de seus parceiros, fazem advertências àqueles ainda inexperientes no namoro via internet, relatam desapontamentos diante do primeiro encontro presencial, oferecem conselhos para suportar bem a saudade, a ausência, descrevem fins de namoro, fazem convite para participar de comunidades que se relacionam com o tema namoro virtual, propõem pequenas brincadeiras com o fim de distração, fazem declarações de amor, etc.

O que parece é que as comunidades virtuais, ou melhor, os fóruns e enquetes possibilitam novas formas de expressão. Tornaram-se um espaço em

que grupos ligados por afinidades têm para desenhar trechos de narrativas de si. Ou melhor, são espaços em que se pode falar e compartilhar sentimentos, angústias, dores, alegrias, etc. Na verdade, elas parecem inaugurar um novo espaço de expressão de sentimentos, no caso da comunidade aqui pesquisada, é possível apreender, em certa medida, maneiras de experimentar o amor.

Antes de seguir a diante, é útil ainda, traçar um breve perfil das peculiaridades do espaço na qual as narrativas si são inscritas. Como dito acima essas comunidades permitem uma comunicação social on line marcadas por comportamentos sociais; são espaços virtuais – sem tempo e sem espaço – formados por pessoas que se aliam por afinidades de interesses, formadas por relações de copresença; nela é possível desenhar a si através da escrita, de fotos, poemas, canções, imagens, etc.

Vejamos agora alguns depoimentos que podem servir como um instrumento útil para apreender as formas de experimentar o amor num namoro virtual, assim como, modos de subjetivação típicas dessas relações. Elas se encontram registrados nos fóruns e enquetes da comunidade. É possível ver

neles formas de vida, maneira de sentir, amar, desejar, sonhar, perceber, etc.

1 - Quem conheceu seu amor pela net e se casou? (Ana Paula)

5 anos Juntinhos !!! Conheci ele na net bate bapo bol carnaval de 2005, muito bom rs.Estamos juntos casados a 4 anos e com uma linda filhota de 2 anos (July Francine).

2 - Quanto tempo vocês teclaram pela net? (Andréia)

Faz dois anos e ainda não tivemos oportunidade de nos conhecermos. Falamos por telefone, e-mails..??..Mas...parece uma coisa, toda vez que programamos acontece alguma coisa.. Então deixo acontecer..Não to + encucada! Acho que as coisas tem o momento certo..Ele mora um pouco longe!..Só sei que ele me faz feliz! (Sandra).

3 - Você largaria tudo pelo seu amor? Você largaria o seu país, seu trabalho, estudos e família em nome do amor? (Laura)

Larguei! Se eu largaria? Claro! Aliás, mudei de cidade, de estado... deixei meus país, meu emprego, minha vida em troca do meu amor, da minha realização afetiva... e hoje estou muito feliz, não me arrependo de nada, muito pelo

contrário, sou a mulher mais feliz desse mundo porque encontrei meu grande amor... (Jô)

4 - Vocês transariam no 1º encontro? se vocês conversassem há um bom tempo, e começassem a namorar no dia em q se conhecessem, vc transaria nesse mesmo dia? (Thiago)

Claro q sim, afinal o q vale é o tempo em q se gostam, q se conhecem, e não o q estão fisicamente juntos. (Raphael)

Eu não fiz isso, moça, porque tenho lá minhas opiniões pessoais sobre sexo: acho que pressupõe intimidade com o outro, e na boa, mesmo que vc fale com ele há ANOS pelo telefone, tem tudo menos intimidade. Pode ter simpatia, afinidade, mas não INTIMIDADE física com a pessoa pra tocar, beijar onde quiser, enfim... Mas vai de cada um. Tem quem faça e ache legal, ache muito bom. Mas se o cara for legal (ou a menina) e quiser de fato mais do que isso com você, ele vai entender se não rolar nada, até porque pelo que eu entendi ele mesmo já disse que não acha legal. Mas sei lá, vai de cada um. Você tem que pensar o que seria legal pra VOCÊ e não levar em conta a opinião alheia. (Lílian)

5 - O que substitui o corpo na atração virtual? Vc se apaixonou antes de ver ou encontrar alguém que conheceu pela NET? O que percebe que te atraiu nessa pessoa? (Carla)

Sinceramente não sei ao certo o que me atraiu, quando dei por mim já estava apaixonada. Pode até soar meio estranho pelo fato de nós conhecermos somente virtualmente, mais a sinceridade dele me cativa, seu jeito de dizer o quanto se sente bem quando está comigo, um simples e-mail no meio do dia apenas pra dizer que ama e o quanto sou importante na vida dele, o fato de dizer sempre que serei sua esposa em breve... Essa forma de amor e carinho sem dimensão é o que vem sustentando esse amor tão imenso. (Jéssica)

6 - Quem mudou ou vai mudar? Se vcs estão casados ou juntos, ou pretendem, quem irá ceder e mudar de seu bairro, cidade, estado ou país? (Leila)

Primeiro, ele foi p/ RS onde moramos por 2 anos. Agora faz 4 meses q vim p/ SP onde ele morava quando nos conhecemos. (Giseli)

7 - Vocês acreditam em tudo o que eles(as) dizem?? (Dica)

Sinceramente acredito em tudo o que ela me diz, em tudo o que ela me escreve. Ela é uma pessoa muito especial e não creio que um envolvimento de quase um ano é capaz de ser na base da falsidade ou mentira. Ela me considera muito especial e eu a considero especial demais. A gente está enfrentando lutas, desafios, problemas, cada um em seu lado. Mas tenho certeza de que, quando nos encontrarmos,

serei a pessoa mais feliz desse mundo. Eu a amo e creio nela. (sniff)

8 - Como terminar um namoro à distância???

Vou até lá?

Não sei como terminar com meu namorado...parece tudo muito diferente, e não parece bom o suficiente para superar a distância que nos separa...Mas, acho que ele vai ficar muito mal... Não quero fazer isso com ele tão longe...n quero me sentir culpada...o que eu faço???????? Vou até lá para terminar???? (Anônimo)

9 - Desabafo - chamado: Preconceito de família. (Dédah do Rique Nakamatu)

Infelizmente, nem todos são mente-aberta e apoiam esse tipo de relacionamento. Eu não ligo muito, pois meus pais dão muito apoio e consigo que meu amor venha até minha casa, nos mandamos correspondência e ficamos o máximo de tempo juntos possível. Além de eu ter mais duas primas que casaram com homens que conheceram na internet. Mas o preconceito não acaba, ainda há gente na minha família que insiste em fazer comentários desagradáveis. Como se o fato de ele ter me conhecido pela internet fosse fazer dele uma pessoa ruim. E não é só preocupação, pois mesmo ele já tendo vindo aqui e meus pais terem falado com os pais dele, as pessoas continuam se metendo onde não devem :x É impressionante como não

podem tentar entender ou só acompanhar. Serem felizes por eu estar feliz. Já ouvi perguntarem se eu não acho que ele me trai... puts, como pode ter a falta de educação de fazer esse tipo de pergunta? :x Além de muitos criticarem só por criticar, não acreditem que possa gostar de alguém que eu não tenha tocado. Triste muito triste. Dédah do Rique Nakamatu

É possível identificar alguns elementos presentes nos depoimentos acima, de sorte que possa, em boa medida, lançar alguma luz a questão da pesquisa, ou seja, fazer-nos entender, brevemente, as peculiaridades de processos de subjetivação nas interações amorosas configuradas *on line* e suas experiências amorosas singulares a partir do advento das novas interfaces digitais que mobilizam recursos interativos e integrativos oriundos das novas *tecnologias da informática*.

No primeiro depoimento é possível identificar desejos por parte dos envolvidos que suas relações a princípios virtuais tornem-se uniões duradouras e fixas, como o casamento e constituição de família. No segundo, de outro modo, o que está em jogo são mudanças nas formas dos indivíduos experimentarem o “tempo” e o “espaço”. Como se vê no depoimento o casal tem um tempo de relação considerável: “dois anos de relacionamento,

mas não se conhecem presencialmente”, pois, “ele mora muito longe”. Apesar disso, parece-nos que a relação é mantida pela importância imputada pela depoente em “ter alguém”. Isso aparece na fala quando ela sugere não ter importância o provável “problema” da distância, pois “ele a faz feliz”.

Já na terceira fala, o que se desvela são mudanças nas noções de pertença. Quer dizer, as noções de pertencimento a uma cidade, país, família, trabalho passam agora a ser flexíveis. Na quarta fala é interessante notar como a noção de duração da relação muda também. Ela é contabilizada a partir do tempo em que se conhecem virtualmente, por isso, seria absolutamente razoável para os envolvidos “transarem” ao se conhecerem presencialmente. Aí, parece-nos, também, que a noção de intimidade nas relações sexuais sofrerá resignificações. Na quinta fala o que é notório são mudanças nas relações entre atração física e ausência do corpo; *aí, eu posso me atrair e me apaixonar por alguém da qual nunca toquei.*

Parece-nos que temos nessa última fala uma questão importante. Pois ela demonstra mudanças na *seqüência dos sentidos*. Mudanças nas formas de sentir o corpo do outro presencialmente. Hoje

you can know everything about a person (tastes, desires, what they do, etc.) before meeting them face-to-face. In exclusively face-to-face relationships the sequence is the opposite, you first know *vis-à-vis* and, then, you know them through other attributes: "personality", way of being, way of dressing, etc.

In the latest testimonies about what is seen, respectively, is an idea of *non-fixation to the original space of birth*; the notion of (dis)trust is placed on a check, just as the notion of commitment in a love relationship: or as the witness suggests, "how to end a relationship via the internet?". The latest testimony brings a confession about sufferings related to prejudices and respect in this format of relationship. In short, it is important to highlight that this brief analysis of character *poorly requited* restricts itself exclusively to the testimony here listed. It is necessary to immerse oneself in the empirical field in a more systematized way so as to have some *security* in pointing out *some truths* about the object of research here studied.

Algumas considerações finais

Diante de tudo, à guisa de conclusão, parece-nos uma *evidência* que os depoimentos postados nos fóruns e enquetes apontem para aquilo que se chama aqui modos peculiares de subjetivação nas formas de experimentar “amor”. Na verdade, os membros da comunidade valem-se da escrita para *inventar* formas de experiências amorosas. São relatos pessoais que, de certo modo, revelam o *si*. Mas, o que é importante reter é que essas falas de relatos pessoais estão a revelar, na verdade, questões sociais mais amplas. É possível identificar nesses depoimentos experiências concretas de vivências amorosas específicas. Trata-se de experiências de vida amorosas atuais. Esses depoimentos, certamente, revelam relatos de práticas e ações sociais. São descrições concretas de cursos de ações concretas.

Quando se expressam nesses espaços, na realidade, revelam experiências e vivências de suas vidas amorosas. É possível, por intermédio dessas *revelações*, encontrar registros diversos sobre as percepções, representações e valores que constituem as experiências cotidianas vivenciadas por esses atores sociais a respeito do “amor”.

É-se partidário, por fim, do argumento que entende que os depoimentos postados em fóruns e enquetes da comunidade *Conheci meu amor na internet* colocam em jogo diversas modalidades perceptivas e, por isso, podem contribuir na descrição, na compreensão e na análise das produções subjetivas daqueles que têm um namoro mediado pela internet. Eles podem revelar modos de vida, subjetividades e alguns aspectos da vida amorosa contemporânea.

Referências

ALBERONI, Francesco. **Enamoramento e amor**. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

ALBERONI, Francesco. **O erotismo: fantasias e realidades do amor e da sedução**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense universitária, 1995.

BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BORGES, Maria de Lourdes Alves. **Amor**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2004.

RBSE 9(26), Ago2010

BOTTÉRO, Jean. Tudo começou na Babilônia. **Revista L'Historie/Seuil**. Porto Alegre: L&PM, 1992. Edição especial: Amor e sexualidade no Ocidente.

CARVALHO, Alberto. **O amor que rouba os sonhos**: um estudo sobre a exposição feminina ao vírus HIV. Rio de Janeiro: Casa do Psicólogo, 1998.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet**: reflexões sobre internet, negócios e sociedade. Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa, 2004.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede - A era da informação**: economia, sociedade e cultura; v.1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHARTIER, Roger. **História da vida privada 3**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

CORREIA, Luiz Gustavo Pereira de Souza. **Por uma antropologia dos sentidos: resenha**. RBSE - Revista Brasileira de Sociologia das Emoções, v. 7, n. 21, pp. 668 a 675, dezembro de 2008.

COSTA, Jurandir Freire. **Sem fraude nem favor**: um estudo sobre o ideal de amor romântico. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

COSTA, Sérgio. **Amores fáceis: romantismo e consumo na modernidade tardia**. Novos estud. - CEBRAP nº. 73 São Paulo Nov. 2005.

RBSE 9(26), Ago2010

DEL PRIORE, Mary. **História do amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2005.

DELA COLETA, A. S. M.; DELA COLETA, M. F.; GUIMARÃES, J.L. **O amor pode ser virtual?** o relacionamento amoroso pela internet. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 13, n. 2, p. 277-285, abr./jun. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v13n2/a10v13n2.pdf>>. Acesso em: 09.03.2009

DUBY, Georges. **História da vida privada 2**. São Paulo: Companhia das letras, 1990.

GAY, Peter. **A experiência burguesa: da Rainha Vitória a Freud**. São Paulo: Companhia das letras, 1990.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: UNESP, 1993.

GIDDENS, Anthony. **A constituição da sociedade**. São Paulo: Martins fontes, 2003.

GIDDENS, Anthony. Métodos de pesquisa sociológica. In: **Sociologia**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

GOLDENBERG, Mirian. **De perto ninguém é normal: estudos sobre corpo, sexualidade, gênero e desvio na cultura brasileira**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GUATTARI, Felix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2002.

RBSE 9(26), Ago2010

KOURY, Mauro G. P. **A sociologia das Emoções**. João Pessoa: Manufatura: GREM, 2004.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LÉVY, Pierre. **O que é virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.

MALINOWSKI, **A vida sexual dos selvagens**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

MARINO, Raul Jr. **Fisiologia das emoções**. São Paulo: Sorvier, 1975.

MARTUCELLI, Danilo. **Grammaries du l'individu**. Folio essais. Éditions Gallimard, 2002.

MAUSS, Marcel. A expressão obrigatória dos sentimentos. In: Sérvulo A. Figueira, Org. **Psicanálise e Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.

MEAD, Margaret. **Sexo e temperamento**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

MENEZES, Eduardo Diatahy Bezerra de. A modelagem sócio-cultural na expressão das emoções. **Revista Brasileira de Sociologia das Emoções**, João Pessoa, p. 4-25, 2002.

RBSE 9(26), Ago2010

NASCIMENTO, Carlize Regina Ogg. **Do amor em tempos de internet:** análise sociológica das relações amorosas mediadas pela tecnologia. Dissertação, Curitiba, UFPR, 2007.

NEVES, Ana Sofia Antunes das. **As mulheres e os discursos genderizados sobre o amor: a caminho do “amor confluyente” ou o retorno ao mito do “amor romântico”?** Estudos Feministas, Florianópolis, 15(3): 336, setembro–dezembro/2007.

PAZ, Octávio. **A dupla chama:** amor e erotismo. São Paulo: Siciliano, 1994.

PELBART, Peter Pál. **A vertigem por um fio:** políticas de subjetividade contemporânea. São Paulo: Iluminuras: 2000.

PLATÃO. **O Banquete.** Lisboa: Edições 70, 2001. (Clássicos gregos e latinos).

RIBEIRO, Renato Janine. Sedução e enamoramento. In: FORBES, Jorge (org.). **Psicanálise: problemas ao feminino.** Campinas: Papyrus, 1996. (Coleção biblioteca freudiana).

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental:** transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina, 2007.

ROUGEMONT, Denis. **A história do amor no Ocidente.** São Paulo: Ediouro, 2003.

RBSE 9(26), Ago2010

SILVA, Vergas Vitória Andrade da. **Confissões apaixonadas via telefone: um estudo sobre as declarações de amor e os serviços de telemensagens.** Monografia. Natal, UFRN, 2004.

SILVA, Vergas Vitória Andrade da. **“De repente do riso fez-se o pranto”: representações e expressões do amor e do sofrimento amoroso.** Dissertação, Natal, UFRN, 2006.

SIMMEL, George. **Filosofia do amor.** 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WHITE, Hayden. **Trópicos do discurso.** São Paulo: Edusp, 1994.

VIEIRA, C. I. F; COHN, C. **Amor contemporâneo e relações na internet: ausência do corpo nas relações.** Revista Brasileira Sociologia das Emoções, Paraíba, v. 7, n. 19, p. 72-117, abr. 2008. Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/rbse/VieiraArt.pdf>>. Acesso em: 10.03.2009

ABSTRACT: This article seeks to understand the nature of romantic ties built on the Internet. The study aims to answer the following question: how are formed the romantic experiences in dates mediated by computers? The empirical research assumes that the statements posted on forums and polls of the Orkut's virtual community “Conheci meu amor pela internet”, related to sentimental and romantic entanglements, corresponds, in fact, to forms of *self*

narration. That is, in those virtual and deterritorialized spaces is constant the presence of *personal revelations* through the sharing of feelings such as anxiety, anger, pain, joy, etc. Thus, by analyzing these *narratives* we aim to understand what types of love practices the Internet allows to build and the interconnections between the virtual technology and romantic love. **Keywords:** Orkut, internet, romantic love, virtual dating.

